

## O CROQUI NO ENSINO DA ESPACIALIZAÇÃO DE DESIGUALDADES E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER RELATO DE EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

Letícia Lemos de Almeida<sup>2</sup>

Reinara Ribeiro Carvalho<sup>3</sup>

Carolina Alvarenga<sup>4</sup>

Janete Oliveira<sup>5</sup>

### RESUMO

Resumo: O trabalho foi realizado com estudantes do 6º ano do ensino fundamental pelos IDs do PIBID de Geografia em uma escola municipal, com o objetivo de apresentar aos alunos a espacialidade dos riscos e violências a que as mulheres estão expostas a fim de promover uma reflexão crítica sobre a temática. O plano de aula foi construído para promover a reflexão crítica dos alunos sobre os diferentes espaços das cidades e os riscos enfrentados pelas mulheres no cotidiano, destacando a importância da prevenção à violência de gênero. O desenvolvimento da aula ocorreu 50 minutos divididos em 5 momentos. A elaboração do croqui, enquanto prática de cartografia escolar, corrobora com a noção de aluno mapeador consciente de Simielli (1999), possibilitando o desenvolvimento da percepção espacial, e do senso de escala, ao conectar experiências individuais ao contexto mais amplo das cidades. A abordagem permitiu trabalhar a espacialidade do fenômeno, evidenciando como a violência se manifesta de maneira diferenciada nos espaços urbanos. Conceitos como espaço geográfico, lugar e território foram mobilizados ao discutir os locais vivenciados pela personagem Clara e ao incentivar os alunos a refletirem sobre suas próprias percepções de segurança nos diferentes ambientes do cotidiano.

**Palavras-chave:** Violências contra a mulher, espacialidades da violência, ensino de Geografia.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, [leticia.l.almeida@ufv.br](mailto:leticia.l.almeida@ufv.br);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa [reinara.carvalho@gmail.com](mailto:reinara.carvalho@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre pelo curso de Educação da UFV e professora de Geografia, [carol.geo.17@gmail.com](mailto:carol.geo.17@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutora pelo curso de Educação da USP e professora de Geografia na Universidade Federal de Viçosa- UFV, [janete.oliveira@ufv.br](mailto:janete.oliveira@ufv.br).

<sup>5</sup> Projeto desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)-CAPES





A violência contra a mulher é um fenômeno histórico, estrutural e multifacetado, que atravessa sociedades em diferentes temporalidades e espacialidades. Trata-se de uma forma de opressão marcada por relações de poder assimétricas, ancoradas em estruturas patriarcais que ainda hoje sustentam práticas culturais e institucionais de desigualdade de gênero. No Brasil, embora políticas públicas e legislações como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) representem avanços significativos no enfrentamento desse problema, a realidade demonstra que a violência de gênero permanece como uma das principais violações dos direitos humanos. Essa permanência evidencia a necessidade de se articular ações jurídicas, sociais e educacionais capazes de promover a prevenção e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O ambiente escolar se apresenta, nesse sentido, como espaço privilegiado de reflexão e transformação social. A escola, ao cumprir seu papel formador, não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas também assumir sua função crítica, problematizando as desigualdades que estruturam a vida em sociedade. A abordagem da violência de gênero em sala de aula permite aos estudantes compreender a realidade que os cerca, desenvolver valores éticos e fortalecer a cidadania. Como destacam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), o ensino de Geografia, quando pautado em metodologias críticas, contribui para a formação de sujeitos conscientes, capazes de ler e interpretar o mundo em suas múltiplas dimensões.

A Geografia, por sua vez, oferece instrumentos teóricos e metodológicos fundamentais para problematizar as relações entre espaço e sociedade. O espaço geográfico, conforme Milton Santos (1996), é produto das relações sociais, das técnicas e das práticas cotidianas, e, portanto, não é neutro: carrega marcas de poder, desigualdade e exclusão. A violência contra a mulher, nesse sentido, também se manifesta espacialmente, pois determinados lugares são vividos como seguros, enquanto outros se configuram como territórios de vulnerabilidade. Essa perspectiva dialoga com a noção de lugar, entendida por Yi-Fu Tuan (2012) como espaço carregado de significados e experiências, que podem ser tanto de acolhimento quanto de medo e opressão.

A experiência relatada neste trabalho foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Geografia, com estudantes do 6º ano do ensino fundamental em uma escola municipal. A proposta teve como objetivo promover uma reflexão sobre a violência contra a mulher a partir de sua espacialidade, utilizando a narrativa de uma personagem fictícia e a elaboração de croquis como instrumentos pedagógicos. Ao articular a discussão de conceitos geográficos, como espaço,





lugar e território, com a análise crítica da violência de gênero, a atividade buscou integrar saberes escolares e experiências sociais, reforçando a importância da escola como espaço de prevenção, diálogo e construção de cidadania.

Assim, a introdução desse tema em sala de aula não se restringe à sensibilização, mas também à compreensão de que o espaço urbano e cotidiano é permeado por relações de desigualdade que precisam ser discutidas e transformadas. Essa articulação entre teoria e prática, entre cartografia escolar e debate social, mostra-se um caminho fértil para fortalecer o papel do ensino de Geografia na formação crítica dos estudantes e no enfrentamento das violências que ainda marcam a vida de muitas mulheres e a apresentar aos alunos a espacialidade dos riscos e violências a que as mulheres estão expostas a fim de promover uma reflexão crítica sobre a temática.

## **METODOLOGIA**

A aula foi desenvolvida com o objetivo de promover a reflexão crítica dos alunos sobre os diferentes espaços das cidades e os riscos enfrentados pelas mulheres no cotidiano, destacando a importância da prevenção à violência de gênero.

Foi dividida em cinco momentos, iniciou-se com a divisão da turma com o intuito de ajudar na explicação da atividade e momento de tirar dúvidas. O primeiro ponto abordado foi a história do Dia Internacional da Mulher a partir da exposição oral. Em sequência, apresentamos os tipos de violência contra a mulher tipificados na Lei Maria da Penha, sendo violência: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. No segundo momento foi explicado e demonstrado o que é um croqui, uma representação foi levada para que os alunos compreendessem melhor essa linguagem cartográfica. Após isso, explicamos a atividade do dia seria elaborar um croqui sobre uma história fictícia. A história intitulada “Um dia na vida de Clara” apresenta o cotidiano da personagem, que frequenta alguns estabelecimentos que foram narrados como características de locais seguros ou não. Assim, durante a exposição da história, os estudantes responderam se os locais que ela esteve eram seguros ou inseguros e por qual motivação, durante esse momento também escrevemos no quadro todos os locais pelos quais ela passou, para auxiliar os alunos na construção do croqui.

Após isso, distribuímos folhas A4 para cada aluno desenhar o seu croqui, esse foi o último momento, no qual os alunos desenvolveram a atividade. Foi, também, o momento em que ajudamos os alunos que tiveram dúvidas.





A história desenvolvida foi:

História: "Um Dia na Vida de Clara"  
Estratégia Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Personagem: Clara, 27 anos, professora.

Roteiro do Dia

6:30 - Casa de Clara (Espaço seguro) Clara acorda em seu apartamento na periferia da cidade. Ela toma um café da manhã tranquilo e se prepara para o dia.

8:00 - Transporte Público (Espaço vulnerável) Ao sair de casa, Clara pega o ônibus lotado pois não possui automóvel pessoal. Durante o trajeto, sente-se desconfortável, pois o espaço é apertado e há olhares indesejados.

9:00 - Escola (Espaço seguro) Clara chega à escola onde trabalha. O ambiente é seguro e acolhedor. Durante o intervalo, ela conversa com as alunas sobre empoderamento e respeito.

12:00 - Almoço em um Restaurante (Espaço seguro) Após as aulas, Clara vai a um restaurante próximo, onde se sente à vontade. O local é frequentado por amigos e colegas do trabalho e é localizado no centro da cidade.

14:00 - Centro de Compras (Espaço vulnerável) Depois do almoço, Clara precisa fazer algumas compras. Ao entrar no centro de compras, ela nota que o espaço está cheio e barulhento. Enquanto caminha pelas lojas, recebe comentários inapropriados de alguns homens. Ela tenta ignorar, mas a tensão a faz querer sair rapidamente.

16:00 - Parque (Espaço seguro) Clara decide visitar um parque próximo para relaxar, ler um livro e comer algumas frutinhas compradas no mercado. A área é bem iluminada, há muitas pessoas e postos do guarda municipal. Aqui, ela se sente segura e consegue aproveitar a natureza.

21:00 - Caminho de Volta para Casa (Espaço vulnerável) Ao voltar para casa, Clara precisa passar por uma rua menos movimentada e com baixa iluminação. Embora tenha o celular em mãos e esteja atenta ao que a cerca, sente-se ansiosa. Ela decide caminhar mais rápido, ciente dos riscos e da importância de estar sempre alerta.

22:00 - Casa de Clara (Espaço seguro) Finalmente, Clara chega em casa. Ela respira aliviada ao se sentir novamente segura.

Ao final da atividade, muitos estudantes não conseguiram concluir dentro do tempo estipulado inicialmente e por este motivo, foi disponibilizado um período da aula seguinte para a conclusão.

## REFERENCIAL TEÓRICO





O desenvolvimento dessa aula baseou-se nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que ressalta que a geografia no ensino básico busca desenvolver o pensamento espacial por meio do raciocínio geográfico com a finalidade de compreender as relações do mundo. Assim, explorou-se por meio da linguagem cartográfica a aplicação da geografia nos processos cotidianos visando a reflexão e a promoção da melhora da realidade.

Um dos conceitos que foram articulados na elaboração deste trabalho foi o de lugar, Yi-Fu Tuan (2012) ressalta a toponímia, o sentimento de conexão, um afeto do ser humano com os lugares. Tal conceito é um dos fundamentos da geografia e conteúdo do 6º ano, por tanto buscou-se explorá-lo de uma outra maneira, a fim de ampliar o olhar dos estudantes sobre esse conceito.

O uso de diferentes linguagens é um recurso didático que possibilita a aprendizagem e o estudo da relação entre sociedade e natureza conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) destaca, nesse âmbito que cada linguagem tem seus códigos e especificidades que precisam ser conhecidas e compreendidas por professores e alunos para que seu uso seja significativo. O croqui enquadra-se na linguagem cartográfica, que tem como característica o predomínio de figuras, representações espaciais e multiplicidade de formas.

O croqui configura-se como um desenho rápido, que já foi muito utilizado pelos geógrafos em trabalhos de campo. A elaboração do croqui, enquanto prática de cartografia escolar, corrobora com a noção de aluno mapeador consciente de Simielli (1999), possibilitando o desenvolvimento da percepção espacial, e do senso de escala, ao conectar experiências individuais ao contexto mais amplo das cidades.

A Lei Nº 11.340 também conhecida como Lei Maria da Penha foi criada para combater a violência doméstica e familiar contra a mulher, tipificando-a em cinco formas: violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade proporcionou um espaço de diálogo significativo entre os alunos sobre as desigualdades de gênero e os riscos enfrentados por mulheres em diferentes ambientes. Os estudantes demonstraram interesse e participaram ativamente, especialmente durante a narração da história “Um dia na vida de Clara”, e na elaboração dos croquis.



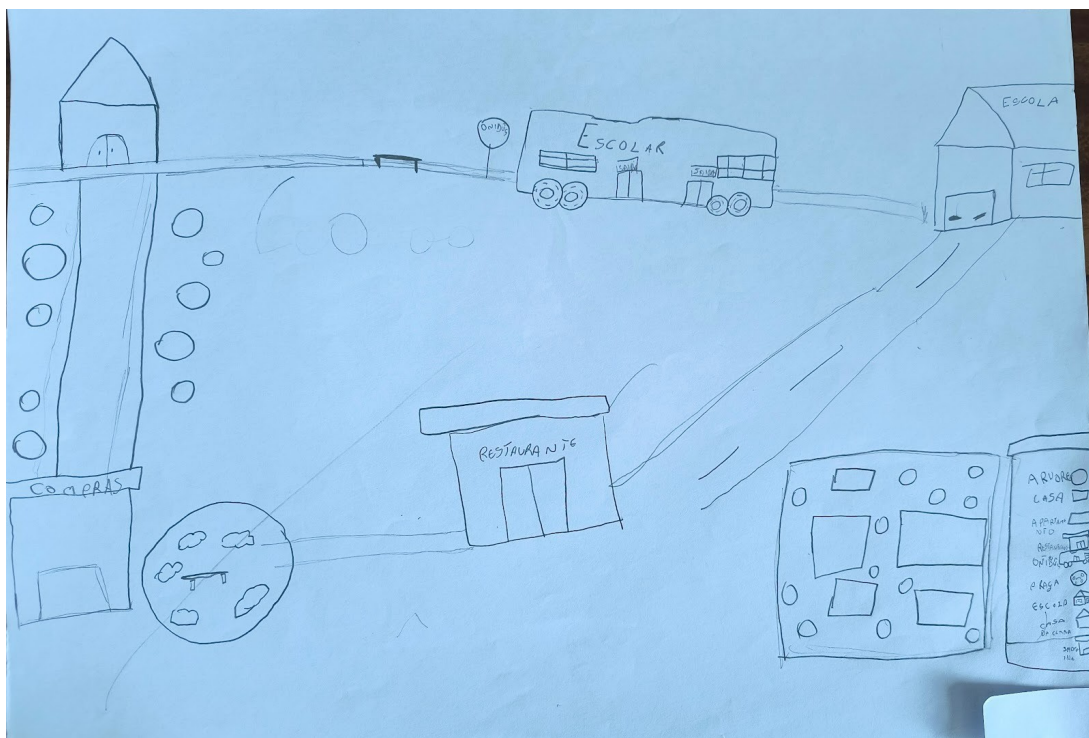




A elaboração do croqui representou um momento de síntese e expressão cartográfica do aprendizado. Ao desenhar os espaços percorridos pela personagem e classificá-los como seguros ou vulneráveis, os alunos mobilizaram noções de escala, localização, território e espacialidade, desenvolvendo o raciocínio geográfico e a leitura crítica do espaço urbano. Essa prática confirmou a importância da cartografia escolar como ferramenta didática que vai além da representação técnica, funcionando como linguagem capaz de expressar emoções, percepções e relações sociais. Houve envolvimento nas discussões e compreensão sobre a importância de identificar locais seguros e refletir sobre atitudes de respeito e empatia.

Em termos pedagógicos, esta experiência demonstra que é possível abordar temas sensíveis de forma significativa, desde que se considere a realidade dos estudantes e se utilize metodologias participativas. A violência contra a mulher, infelizmente, ainda é uma realidade presente no cotidiano de muitas mães, alunas e professoras. Ignorar esse fato nas escolas é contribuir para sua perpetuação.

Portanto, essa experiência em sala de aula, demonstrou que é possível abordar temas sensíveis e complexos no ambiente escolar desde que haja intencionalidade pedagógica, preparo docente e um ambiente de diálogo. A experiência revelou o potencial do PIBID como espaço de formação docente, incentivando os futuros professores a desenvolverem práticas criativas, inclusivas e comprometidas com a transformação social.

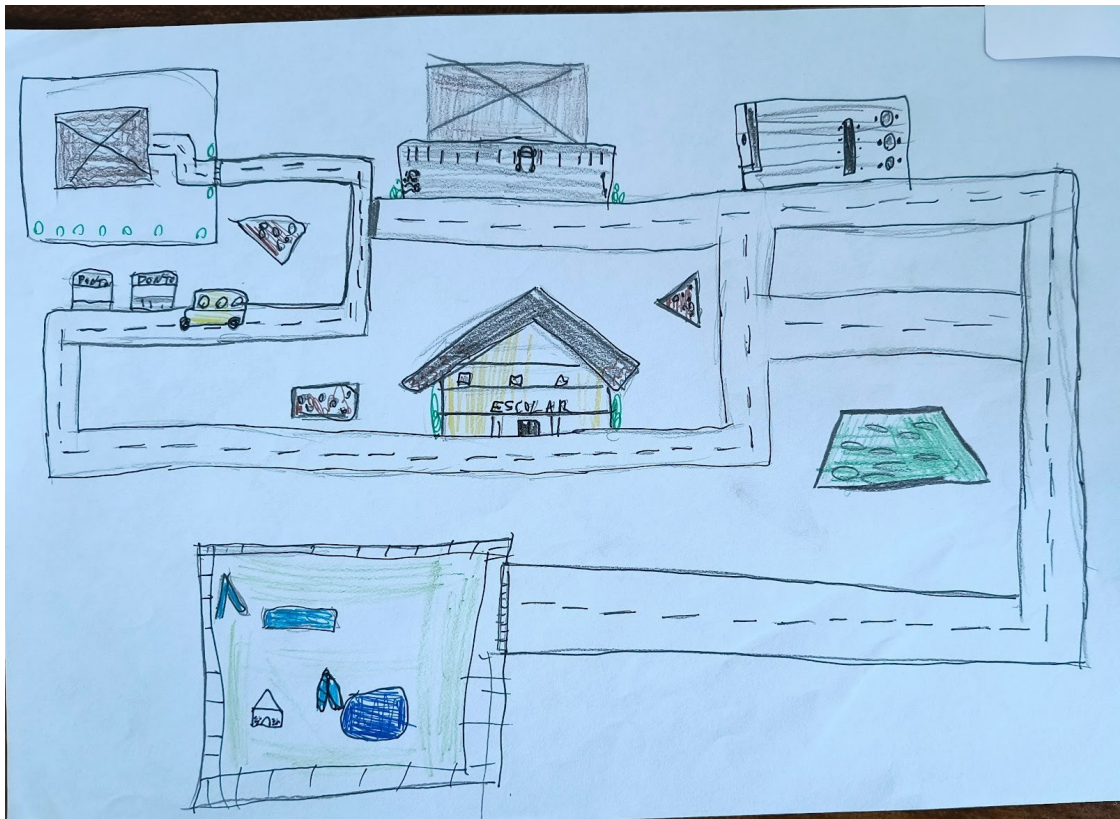


Croqui elaborado por um aluno a partir da história “Um dia na vida de Clara” (2025)





Croqui elaborado por um aluno a partir da história “Um dia na vida de Clara” (2025)



Croqui elaborado por um aluno a partir da história “Um dia na vida de Clara” (2025)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência apresentada reafirma a relevância do ensino de Geografia como ferramenta formadora e transformadora da realidade social. Ao propor a discussão da violência contra a mulher sob uma ótica espacial, o trabalho ampliou a compreensão dos estudantes sobre as desigualdades de gênero e os riscos que compõem o cotidiano urbano. Essa abordagem permitiu reconhecer que o espaço geográfico não é apenas o cenário das relações humanas, mas o produto delas, carregado de símbolos, memórias, poderes e desigualdades, como destaca Milton Santos (1996). Ao utilizar o croqui como ferramenta metodológica, o trabalho extrapolou o caráter técnico da cartografia e assumiu uma função social, transformando o ato de mapear em uma prática de leitura crítica do mundo. Os alunos foram instigados a observar, representar e refletir sobre os espaços que percorrem diariamente, identificando aqueles que consideram seguros ou inseguros. Essa reflexão, mediada pela história fictícia “Um dia na vida de Clara”, possibilitou compreender que o espaço urbano é permeado por diferentes significados e experiências, algumas associadas à liberdade e ao acolhimento, outras ao medo e à vulnerabilidade.

A experiência contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre teoria e prática docente, um dos pilares do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A vivência permitiu às licenciandas compreenderem o papel do professor como mediador do conhecimento e como agente transformador, que reconhece a escola como um território vivo, dinâmico e repleto de significados sociais. O contato com os estudantes e a elaboração de atividades contextualizadas favoreceram a formação docente sensível, crítica e comprometida com a realidade social dos alunos.

Do ponto de vista educativo, a proposta revelou que a escola pode e deve ser um espaço de promoção da igualdade de gênero, de escuta e de acolhimento. Ao discutir a violência contra a mulher, promove-se não apenas o conhecimento conceitual, mas também a formação ética e cidadã. Os alunos puderam reconhecer a importância do respeito, da empatia e da solidariedade como valores indispensáveis para a convivência social e para a construção de uma cultura de paz. A abordagem também despertou a atenção para o papel dos homens e meninos nesse processo, destacando que a luta contra a violência de gênero é coletiva e deve envolver toda a sociedade.







Outro aspecto relevante diz respeito à ampliação das metodologias no ensino de Geografia. O uso do croqui, associado à contação de histórias e ao debate coletivo, mostrou que é possível tratar temas complexos de forma acessível, envolvente e significativa. Essa prática reforça a importância de um ensino que integre diferentes linguagens, visual, oral e escrita, e que estimule o protagonismo dos estudantes na construção do conhecimento. Dessa forma, o ato de desenhar o espaço se converteu em um exercício de reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Por fim, a experiência reafirma que o ensino de Geografia pode e deve assumir um papel socialmente engajado, contribuindo para o enfrentamento das injustiças e para a valorização da diversidade humana. Discutir a violência contra a mulher no ambiente escolar é um gesto político e pedagógico que reconhece a urgência de uma educação voltada para os direitos humanos, para a equidade de gênero e para a formação de sujeitos conscientes de sua responsabilidade na transformação do espaço em que vivem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, LEI Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Nuria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 1999. p. 92-108

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Eduel, 2012.

